PROJETO DE LEI Nº 22/14

"Denomina como *Riachão* o circuito da Mudança do Garcia, no carnaval de Salvador."

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

DECRETA:

Art. 1º. Fica denominado como Riachão o circuito da Mudança do Garcia, durante o carnaval de Salvador.

Art. 2º. O Poder Executivo poderá promover ações de divulgação da homenagem.

Art. 3º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2014.

ALADILCE SOUZA

JUSTIFICATIVA

Clementino Rodrigues, seu nome de batismo, "Riachão", seu nome de samba e de guerra. Maior sambista vivo desta terra baiana e um dos maiores vivos do Brasil, ao lado de Nelson Sargento, Ivone Lara e mais alguns outros da velha guarda. O tempo já o consagrou parte da história da música nordestina, em sua essência negra da Bahia. Pela sua verve pitoresca na forma de compor, retratando fatos e ocorridos nas ruas de sua cidade natal, se consagrou como cronista musical da antiga Salvador.

Riachão nasceu no dia 14 de novembro de 1921, no bairro do Garcia, em Salvador. Desde os 9 anos de idade, já cantava em serenatas ou nas batucadas em latas d'água do bairro do Garcia. A sua primeira composição foi aos 12 anos, um samba sem título que dizia: "Eu seu que sou moleque, eu sei / conheço o meu proceder / deixe o dia raiar que a minha turma é boa para batucar".

Aos 23 anos, ingressou na rádio sociedade, onde cantou com um trio vocal no programa de auditório 'Show Pindorama', da emissora de rádio

Sociedade AM. O trio de Riachão interpretava de serestas a toadas sertanejas. Riachão não demora a romper com o trio e se apresentar sozinho – queria, na verdade, se dedicar apenas ao samba, sob forte inspiração de Dorival Caymmi. Depois de Caymmi, por sinal, Riachão foi o primeiro compositor baiano a gravar no Rio de Janeiro, ainda na década de 50. As músicas foram 'Meu Patrão', 'Saia' e 'Judas Traidor', todas gravadas por Jackson do Pandeiro.

Seu modo peculiar de compor tem características de crônica. Em suas letras, quase sempre irreverentes, desfila o povo baiano da antiga Salvador, com suas baianas de acarajé, seus malandros de terno branco e seus capoeiras atrevidos.

Ele opta por seguir o caminho do samba irreverente, compondo sambas bem-humorados como 'Retrato da Bahia' e 'Bochechuda e Papuda', ganhando o Troféu Gonzaga com essas músicas. Mais tarde, foi gravado pelo cantor Eraldo Oliveira ('A Nega não quer Nada') e pela cantora Marinês ('Terra Santa').

Entre 1948 e 1959, Riachão compôs pérolas como 'A Morte do Motorista da Praça da Sé', 'A Tartaruga', 'Visita da Rainha Elisabeth' e 'Incêndio no Mercado Modelo', verdadeiras crônicas, escritas em linguagem popular e direta. Na década de 60, um fato inusitado acabou virando samba: uma baleia chamada 'Moby Dicky' veio ser exposta para visitação pública na Praça da Sé, causando imenso furor entre as crianças. Com o olhar do cronista, Riachão compôs a 'Umbigada da Baleia'. O senso quase jornalístico de Riachão também pode ser conferido no samba 'A Morte do Alfaiate', também dessa época.

Apesar de reconhecido pela crítica e por grandes artistas da MPB, Riachão não conseguia se inserir no mercado. Os *shows* eram raros e eram poucos os registros fonográficos. Por iniciativa de Paulo Lima e da gravadora Philips, em 75 ele grava um álbum reunindo a nata do samba baiano. O 'Samba da Bahia' traz, além de Riachão, os sambistas Batatinha e Panela. Entre os sambas gravados se destacam 'Pitada de Tabaco', 'Ousado é Mosquito' e 'Até Amanhã'.

Em 1972, Caetano Veloso e Gilberto Gil voltam do exílio em Londres. Em Salvador, pretendem escolher a música de um compositor baiano para marcar sua volta ao mercado fonográfico nacional. A escolhida foi 'Cada Macaco no seu Galho', de Riachão, que estourou nas rádios do País. Nos anos de chumbo da Ditadura Militar, Riachão tem um samba proibido pela Censura. A música se chamava 'Barriga Vazia' e a letra falava da fome: 'Eu, de fome, vou morrer primeiro / você, de barriga, também vai morrer um dia'. A notícia da censura corre a cidade e, num *show*, no ICBA, em 1976, a plateia universitária exige que Riachão a cante. O público pede

com tanto entusiasmo que os músicos começam a executá-la e Riachão se vê obrigado a cantar o samba, fato que repercutiu na imprensa como uma 'provocação' do sambista aos militares.

Em 1973 grava o álbum 'Sonho de Malandro', patrocinado pelo Desenbanco em comemoração aos 15 anos da empresa onde trabalhava desde 71. No disco, predominam os sambas maliciosos que também identificam a sua obra, temperados com metais, acordeon, flauta, coro de pastoras e até um regional de choro. Destacam-se as faixas 'Quando o Galo Cantou' e 'Eu também Quero', que relata o aparecimento do tíquete-refeição: 'Essa turma que trabalha muito cedo/ vem a fome que faz medo/ e faz a barriga roncar/ vai no caixa compra tique/ pega tique/ leva o tique/ dá o tique/ para poder almoçar'. O disco, porém, não emplaca, vende pouco, é mal divulgado. E Riachão cai num relativo ostracismo artístico, se apresentando apenas para platéias universitárias, no Rio de Janeiro.

Depois de um hiato de quase 20 anos, Riachão grava um CD somente em 2001, onde o sambista divide as faixas com nomes como Caetano Veloso ('Vá Morar com o Diabo') e Dona Ivone Lara ('Até Amanhã'), entre outros. Todos os seus maiores sucessos são registrados.

Em janeiro de 2008, Riachão perdeu em um trágico acidente de carro no Rio de Janeiro, a sua esposa, filha e genro, fato que o deixou em estado de choque e o fez perder um pouco daquela alegria, marca da sua personalidade.

A Mudança do Garcia é um bloco sem cordas que acontece há 80 anos no percurso que vai da linha do bairro Garcia até o Campo Grande. Na programação oficial do Carnaval de Salvador é possível acompanhar a Mudança na segunda-feira, a partir das 16h. Partidos políticos, movimentos sociais e a organização de bairros garantem o tom de crítica na comemoração.

Desde o ano de 2012, a mudança do Garcia vem homenageando Riachão, e este Projeto visa a oficializar esta justa homenagem. Contamos, desta forma, com o apoio dos edis para sua aprovação.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2014.

ALADILCE SOUZA